

## PERFIL

› Claudina Amélia M. Rodrigues-Pousada nasceu em 1941 em Tadam, Braga.

› Fez a escola primária em Brito, Guimarães, tendo a mãe por professora. Fez o liceu em Guimarães.

› Inscreveu-se em Matemáticas na Universidade do Porto mas mudou para Farmácia. Licenciou-se em 1968. É casada, tem três filhos e quatro netos.

› **Estagiou no Centro de Biologia do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) e em 1973 foi para o Institut de Biologie Physico-Chimique de Paris, onde se doutorou e especializou em Biologia Molecular. Foi investigadora do IGC e, a partir de 2000, do ITQB e recebeu inúmeros prémios e distinções. Publicou mais de 120 artigos em revistas internacionais.**

REINALDO RODRIGUES/DIAL PANGENS



**“O nosso laboratório foi o primeiro em Portugal a sequenciar genes, a ter genes na mão”**



ANA SOUSA DIAS

A bióloga molecular Claudina Amélia Rodrigues-Pousada, minhota alta e loira, acaba de publicar o livro de memórias *Quarenta Anos de Investigação – Na Voragem do Tempo*. Nele conta como chegou a França em 1968, amargurada por deixar os três filhos em Portugal, e mergulhou na biologia molecular entre os melhores. Tinha uma bolsa para sete meses, acabou por ficar cinco anos. Regressou ao Instituto Gulbenkian de Ciência, onde permaneceu até passar para o Instituto de Tecnologia Química e Biológica que hoje tem o nome de António Xavier, o cientista que a convidou. Aos 75 anos, mantém-se em atividade.

**Reformou-se mas continua a trabalhar stressada.**

É verdade. Hoje acabei de ler 272 resumos de jovens cientistas para uma ati-

vidade da Federação Europeia das Sociedades de Bioquímica (FEBS), o Fórum de Jovens Cientistas. E estou ativa no laboratório.

**Fez um longo percurso, sobretudo para uma mulher da biologia molecular, em que estava tudo a nascer.**

Começou a nascer de verdade quando o [Gunther S.] Stent publicou o dogma dos anos dourados [The coming of the Golden Age], quando o Watson e o Crick descobriram a estrutura do DNA [em 1953]. Em Portugal estava-se muito longe disso. Com bastante sacrifício, fui para Paris, e aí imergi num mundo extremamente importante para o desenvolvimento da minha carreira.

**O maior sofrimento de todos foi deixar os seus três filhos?**

O Pedro e o Luís, gémeos, tinham quase 4 anos, e o Renatinho tinha 9. Foi muito doloroso. Trabalhava sábados e domingos sem parar para poder vir passar 15 dias com eles, ir buscá-los à escola, tratar-lhes das roupas e trazer-lhes legos e playmobil.

**A percentagem de mulheres na ciência era muito inferior à de hoje?**

Em França eu era a única rapariga. Mas sempre tive raparigas como alunas.

**Como se deu o salto da aldeia de Brito para uma vida na ciência?**

Ao contrário do meu pai, que queria que fôssemos para a frente, a minha mãe ficaria contente se eu e a minha irmã fôssemos professoras primárias como ela. Mas eu sempre tive muita curiosidade. Deram-me em criança um livro sobre a madame Curie e fiquei apaixonada. Sei muitas histórias sobre ela porque o meu instituto em França [IBPC, Institut de Biologie Physico-Chimique] ficava mesmo em frente ao instituto dela. Os cadernos dela deitam radioatividade. Todos os dias olhava para lá e sentia um arripio. No Collège de France, assisti a cursos dados pelo François Gros, pelo Jacques Monod.

**Porque escolheu a bioquímica?**

Eu era boa aluna e fui para Matemática na Universidade do Porto), mas não estava feliz. Queria uma matemática que se aplicasse. Foi quando regressou dos Estados Unidos o professor Carvalho Guerra, e percebi que em Farmácia havia muitas disciplinas com a química como base e decidi mudar. Era um professor excepcional. Tínhamos aulas à volta de uma mesa. Podíamos interrompê-lo, ele falava com uma excitação que nos transmitia.

**Qual era a cadeira com ele?**

Bioquímica. Num passeio organizado pela faculdade, visitei o Instituto Gulbenkian de Ciência e pensei: é aqui que quero estar. E consegui. Comecei em dezembro de 1968 e fiquei até 1973, quando fui para França.

**Estavam à espera de uma portuguesa morena, com bigode?**

E apareceu uma loira, alta. Vinham ver-me como se fosse uma ave rara. Eu estava embasbacada, sempre me vi daquela maneira. Sou nortenha, nós temos uma costela muito céltica, ruiva, loira, de olhos claros, verdes e azuis.

**“Deram-me em criança um livro sobre a madame Curie e fiquei apaixonada. Em Paris, trabalhei em frente ao instituto que ela criou. Ficava arrepiada”**

**“Tenho o entusiasmo de uma criança que descobre uma coisa pela primeira vez. É tão bom ver esse mesmo brilho numa aluna, numa discípula”**

**“Nunca penso no pior que poderá acontecer. Estive internada seis meses no hospital, fui operada cinco vezes, e foi lá que revi duas teses e este livro”**

**Em Paris, estava tudo a mudar, era possível fazer coisas novas? Era possível descobrir?**

Havia muita coisa feita. Lembro-me de ter ido a uma conferência no Instituto Pasteur, do Philippe Kourilsky [biólogo francês], sobre enzimas de restrição. Em Portugal não se falava nisso. Eu trabalhava com um micro-organismo cujo genoma já está todo conhecido mas na altura era muito difícil. Era um protozoário ciliado que existe nas infusões de palha, paramécia, tetramena, etc. Lembrei-me: isto tem muitas estruturas microtubulares, pequenos filamentos compostos por uma proteína que é a tubulina. Se tem tantos destes filamentos, é natural que haja imensos genes. Queria entrar na biologia molecular propriamente dita. Na altura, os currículos das faculdades eram horríveis, muito antiquados.

**A ciência andava mais depressa?**

Tínhamos de alterar os currículos nas faculdades. Convidaram-me para dar aulas. Ensinei na Faculdade de Ciências de Lisboa gratuitamente. Levava os aparelhos do laboratório, com a minha equipa, para eles usarem. E dei aulas no ICBAS [Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, no Porto], onde recebia 30% do ordenado de um catedrático. Era a maneira de dar ao país o meu saber, o meu interesse, e de modificar as coisas.

**Qual é o seu legado?**

É a biologia molecular. Colaborei com toda a gente.

**No mundo inteiro?**

Sim, sempre me expandi para outros lados. Nós fomos o primeiro laboratório a sequenciar genes, a ter genes na mão.

**Nós?**

O meu laboratório no IGC. Esse artigo saiu num bom jornal, em que o Monod e o [François] Jacob também publicaram. Isso foi o máximo. Eu mandava os meus alunos para fora. Tinha o espírito que aprendi em França. Eu estava toda virada para o futuro, não estava virada para trás. Ainda hoje estou virada para o futuro, aprendo com asneiras que fizemos, mas virada para a frente.

**Fala sobre o seu trabalho com um entusiasmo quase infantil.**

Talvez, de uma criança que descobre uma coisa pela primeira vez, talvez seja uma boa imagem.

**É um prazer?**

É um prazer. Tenho uma colaboradora que mostra o mesmo entusiasmo e o mesmo brilho. É tão bom ver isso numa aluna, numa discípula, não faz ideia. Ainda hoje de manhã estava a tomar café e ela quer meter-se numa área que acho muito interessante. Mas disse-lhe: cuidado, se alguma coisa não der como pensa, abandone, passe para outra.

**A ciência em Portugal está muito diferente do que era quando começou?**

Ah, muito. O professor Mariano Gago desenvolveu a ciência de uma maneira! Os doutoramentos eram só para os das faculdades, não havia doutorados cá fora. Eu não fiz uma carreira universitária, embora tivesse colaborado nas universidades. A minha carreira é de investigadora. E gosto de dar aulas aos alunos de doutoramento. Ele fez imensas coisas. O Instituto de Nanotecnologia que criou no Norte é fantástico. Era uma pessoa com uma visão...

**Hoje não há a *décalage* de quando se sabia menos do que lá fora?**

Hoje os miúdos sabem. Está fantástico, a nível europeu, sem dúvida. Fui eleita para a EMBO (European Molecular Biology Organization) e estive envolvida na adesão de Portugal. A Carmo Fonseca e eu fomos as primeiras a entrar. Hoje temos onze, o que reflete um envolvimento da ciência em Portugal.

**Em 2002 soube que tinha um cancro no ovário e já teve duas recidivas.**

**Como encarou esta situação?**

Nunca penso no pior que poderá acontecer. Da última vez fiz cinco operações e estive internada seis meses. No hospital acabei de ver duas teses de doutoramento e terminei o livro. O meu aluno Orfeu Flores foi visitar-me, eu estava toda entubada e disse: "A sua tese tem de ser modificada."

**Está no ITQB desde 2000. Não a largam?**

Não me deitam fora ainda... enquanto eu publicar, e já publicámos um bom artigo neste ano. Tenho alunos de pós-doutoramento e gosto de os ver progredir. Ainda tenho algumas coisas a ensinar, sobretudo na orientação dos estudantes.

**Vem de uma família com tradições de luta contra a ditadura.**

O meu tio Antenor Marques passou a vida na prisão. A família influenciou-me muito, também em termos políticos. E a maneira como nos ensinaram: não impunham, nós observávamos. A observação era uma característica fantástica dos meus pais.

PARA OUVIR NA



DEPOIS DAS  
20.00 E A TODA  
HORA EM DN.PT  
E TSF.PT  
EM VERSÃO  
INTEGRAL